REVISTA LITTERIS

n. 22 - Janeiro 2019 Dossiê Oriente Médio: Fronteiras, Mídia e Política Internacional

O CALIFADO ELETRÔNICO: ESTRATÉGIAS DE PROPAGANDA DO DAESH

BUB, João[1]

TRAUMANN, Andrew[2]

Resumo: Esse artigo estuda a constituição do califado do Estado Islâmico, a sua ideologia e organização política, e investigar quais foram as estratégias usadas pela sua propaganda para legitimar os seus objetivos políticos e militares através da proclamação do califado. Para tal, será feito uma breve investigação histórica da gênese do islã e a questão da sucessão após a morte de Maomé, a qual definiu as principais ramificações do islã. Será analisado o surgimento do autoproclamado Estado Islâmico e o seu desenvolvimento até 2014 quando foi declarado o califado, assim como a ideologia de Abu Musab al-Zarqawi, o principal fundador da gênese do grupo e principal fonte para a ideologia do Estado Islâmico, a estratégia de legitimação do Estado Islâmico através da religião e da sua organização política baseada no califa Abu Bark al-Baghdadi.
Palavras-chave: Califado, Estado Islâmico, Oriente médio.

Abstract: This article studies the constitution of the caliphate of the Islamic State, its ideology and political organization, and investigate the strategies used by its propaganda to legitimize its political and military objectives through the proclamation of the caliphate. For such, a brief historical investigation of the genesis of Islam and the strife for the succession after the death of Muhammad, which defined the main ramifications of Islam. It will be analyze the emergence of the self-proclaimed Islamic State and its development until 2014 when the caliphate was declared, as well as the ideology of Abu Musab al-Zarqawi, the main founder of the group's genesis and main source for Islamic State ideology, the strategy of legitimation of the Islamic State through religion and its political organization based on the caliph Abu Bark al-Baghdadi.
Key-words: Caliphate, Islamic State, Middle East.

Recebido em:17/02/2018
Aprovado em: 06/02/2019

[1] Acadêmico do curso de Relações Internacionais – Centro Universitário Curitiba - UNICURITIBA. Curitiba – PR. email: joaobub99@gmail.com

[2] Professor Orientador – Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA. Curitiba – PR. email: andrewtraumann@hotmail.com

Introdução

O Estado Islâmico não é o primeiro grupo jihadista a usar tecnologias de comunicação de massa, entretanto o grupo marcou um ponto de ruptura em relação à qualidade da comunicação, incluindo produção de vídeos e publicações de documentos em vários idiomas e disseminação sofisticada em nível global. A ressonância da propaganda do EI pode ser exemplificada pelo seu sucesso em recrutar um grande número de apoiadores, não apenas no Iraque e na Síria, mas também no cenário internacional.

Como apontado por Celso (2015), existe uma contradição entre a ideologia do grupo e a sua estratégia de propaganda. Por um lado, o grupo nega os valores da sociedade moderna e da globalização, que segundo eles corrompe os verdadeiros valores do islã, entretanto o grupo investiu em sofisticadas publicações online, como revistas, vídeos, áudios, em plataformas como o Youtube, Twitter e Facebook. Ao mesmo tempo que critica valores associados ao ocidente, o grupo publicou a sua principal revista em inglês, traduzindo os termos em árabe de forma didática, seguindo um design sofisticado que emula os principais veículos de imprensa. Assim como as produções de vídeos e documentários, que eram publicadas em plataformas de fácil acesso online, com produção, qualidade de imagem e edição que assemelham-se a grandes produções cinematográficas.

O Estado Islâmico conseguiu estabelecer um monopólio sobre as informações que saiam do seu território. O difícil acesso de jornalistas na região, assim como a perseguição do grupo contra tais profissionais, permitiu que o grupo mantivesse monopólio sobre o imaginário que seria criado a seu respeito. As profissionalizações da sua propaganda, com fotos e vídeos de ótima qualidade e produção, eram ideais para os veículos de mídia

internacionais, o imaginário e representação do grupo presente no ocidente foi produzido em grande parte pela propaganda do grupo (GÜNTHER, 2016).

Será feito uma breve análise histórica do surgimento do califado como instituição, em seguida a atuação do Estado Islâmico até 2014, ano que foi estabelecido o califado e intensificação da atuação do aparato midiático, assim como grande poder militar. De acordo com Lister (2014), nesse ano o grupo possuía aproximadamente trinta mil soldados, e acumulado considerável controle territorial, como a cidade de Mossul no Iraque e o estabelecimento da capital em Raqqa na Síria. Em seguida será analisado se a proclamação do califado e a ideologia do grupo foi efetiva para o seu projeto de legitimação.

1.Origem do Califado e desenvolvimento

Maomé exerceu não apenas o poder religioso e líder de uma comunidade religiosa, também estabeleceu uma instituição política no território que conquistou, impôs leis e a arrecadação de impostos. Segundo a tradição muçulmana Maomé restaurou o verdadeiro monoteísmo e trouxe a revelação final, ele foi o último dos profetas. A sua missão espiritual, através de um corpo político e militar se baseou em defender a Lei Divina e se comprometeu a espalhá-la pelo mundo (LEWIS, 1996).

Havia três grupos principais que constituíam o poder político, o grupo que acompanhara Maomé durante a hégira, os principais líderes de Medina que firmara aliança ao Profeta, e as principais famílias de Meca, conversos mais tardios (HOURANI, 2006, p.). Maomé faleceu no dia 8 de junho de 632, com sua morte o cargo de líder da Ummah (comunidade muçulmana) se tornou vago, as tensões que adviriam com a questão da sua sucessão iriam definir os rumos da religião muçulmana e da organização política da região.

O círculo interno de seguidores do Profeta elegeu Abu Bakr para ocupar o cargo de líder da Ummah, foi atribuído a ele o título de Khalifatu Rasul Allah, o sucessor do Profeta de Deus, "califa" (Khalifah) possui tanto o significado de sucessor como de representante (LEWIS, 1996). Quando Maomé morreu Abu Bakr teria dito "Ó homens, se adorais a Maomé, Maomé está morto; se adorais a Deus, Deus está vivo", depois de sua morte as alianças por ele feitas poderiam se dissolver, Abu Bakr se encarregou de garantir a coesão do domínio herdado do Profeta, o título de califa lhe garantiu a legitimação política e religiosa, através das suas forças militares submeteu os dissidentes ao seu controle (HOURANI, 2006, p.).

A dominação de Maomé ocorrera de forma relativamente pacifica, os líderes conquistados apresentaram pouca resistência, as alianças firmadas garantiram a autoridade política baseada em Medina, assim como o pagamento de impostos. Depois da morte do Profeta, alguns líderes passaram a não reconhecer a autoridade de Medina, defendendo que a aliança feita à Maomé não se estendia a um sucessor. Alguns grupos dissidentes pretendiam cortar suas relações com a autoridade de Medina e não pagar mais impostos, enquanto outros grupos almejavam subjugar a autoridade de Medina nomeando um novo profeta para si, esses movimentos ficaram conhecidos como *ridda*. A liderança de Medina decidiu que as alianças firmadas por Maomé se estendiam a um sucessor, o califa, o qual seria o líder da *ummah*. Apenas aqueles que reconheciam o poder político do califa poderiam ser reconhecidos como muçulmanos (KENNEDY, 2007).

Abu Bakr morre em 634 d.C., antes de falecer aponta Umar ibn al-Khatab para sucedê-lo. Além de "califa" Umar também dispôs do título "Amir al-Muminin", "Comandante dos Fiéis", consolidando a legitimação do seu poder tanto na esfera política, militar e religiosa. Umar é sucedido por Uthman,

membro do clã de Umaya, de Meca. Os primeiros califas possuíam pouco poder bélico, não possuíam forças regulares, suas forças eram formadas com recrutas tribais, o prestigio e a autoridade pessoal eram capitais indispensáveis para governar aquele corpo político. O califado conquistara a atual região da Síria, Egito, Iraque, e grande parte do Irã (LEWIS, 1996). A política de Uthman se baseou em nomear membros de seu próprio clã para altos cargos, provocando o dissentimento dos líderes de Medina. Uthman foi morto em 656 por um grupo dissidente do Egito apoiado pela oposição de Medina (HOURANI, 2006, p.).

Ali ibn Abi Talib era o principal pretendente para ocupar o cargo de califa, primo do Profeta e casado com uma de suas filhas, Fátima. Os muçulmanos decepcionados com os rumos que o califado havia tomado, viram em Ali uma possível mudança para alcançar a original mensagem do islã. Os seus apoiadores vieram a ser conhecidos como o partidários de Ali, ou Shiat *Ali*, origem da atual denominação xiita (LEWIS, 1996). Devido à oposição liderada pela família de Uthman, que não reconhecia a liderança de Ali, ocorreu a primeira guerra civil na comunidade muçulmana. Depois de Ali derrotar os dissidentes, Umaya ibn Sufyan, governador de um território da atual Síria e parente próximo de Uthman se compromete a conquistar o seu poder sobre Ali, engajando um conflito que iria acabar por um arbitro através de delegados escolhidos pelos dois partidos. Ali é assassinado no ano de 661 d.C., concluindo o reinado dos “Corretamente Guiados” e iniciando o califado dos omíadas. Os quatro primeiros califas são conhecidos como os Rashidun, “os Corretamente Guiados”, considerada uma idade de ouro para o sunismo (HOURANI, 2006, p.).

O califa ostentava vários títulos, que simbolizavam os diferentes aspectos e maneiras como seu cargo era entendido. Teólogos e juristas referiam-se geralmente a ele como imã, o líder, com o significado de líder em

oração dos muçulmanos. Sua autoridade política e militar era representada pelo termo “Amir al-Muminin”, geralmente traduzido como “Comandante dos Fiéis”. Este era o título usado com mais frequência. Para a vertente xiita o califado deveria ser hereditário, da linhagem do Profeta. Para os sunitas o cargo de califa deveria ser eletivo, sendo elegíveis os membros da tribo do Profeta, a Quraysh. Todos os quatro califas foram escolhidos, de alguma forma, por seus predecessores ou colegas e nenhum ascendeu ao cargo por direito hereditário. Na dinastia omíada e abássida, o cargo tornou-se, na prática (LEWIS).

O império abássida caiu em 1258, em razão da invasão mongol, até aquele período a instituição que havia garantido a unidade de maior parte da comunidade muçulmana foi substituída por vários sultanatos. Durante algum tempo, uma linhagem de califas-sombras da dinastia abássida foi mantida pelos sultões mamelucos do Egito, entretanto já não possuíam poder político (LEWIS). Em 1517 os otomanos conquistam Egito e levam o para Constantinopla, o qual morre sem deixar sucessores. Em 1750 os otomanos alegaram que o ultimo califa havia transferido o seu poder a eles. De acordo com Montgomery(1968), o Império Otomano ganhou “reconhecimento dos muçulmanos em todo o mundo [...] devido ao fato que o sultão otomano se tornara, de longe, o líder muçulmano mais poderoso”. Depois da derrota na Primeira Guerra Mundial e a pressão por secularização o califado otomano é abolido em 1924 (JAQUIER, 2015).

2. Zarqawi e a Al-Qaeda

O Estado Islâmico surgiu de um grupo intitulado Al-Qaeda no Iraque (AQI), um grupo insurgente sunita que fazia frente contra as forças dos EUA e do governo Iraquiano, e cometendo ataques terroristas contra a população xiita depois da queda de Saddam Hussein. O principal líder do grupo era o

jordaniano Abu Musab Al Zarqawi, que formara um grupo chamado Jamaat al-Tawhid wal-Jihad (JTJ com o objetivo de derrubar o a monarquia jordaniana (SMITH, 2015).

Depois de ser sentenciado por porte de armas e por pertencer, e devido ao seu envolvimento com grupos terrorista, Zarqawi cumpri 5 anos de detenção na Jordânia até 1999 quando é liberado. Se locomove ao Afeganistão onde entra em contato com a Al-Qaeda, consegue o empréstimo de duzentos mil dólares e a permissão de estabelecer um campo de treinamento para formar o seu novo grupo, Tawhid wa al-Jihad (JTWJ, doravante). O grupo esteve ao lado da Al-Qaeda e do Talibã durante a guerra do Afeganistão em 2001. No mesmo ano, Zarqawi e seus seguidores buscam refúgio através de membros do Hizb-e-Islami Gulbuddin no Irã, para então se realocarem no norte do Iraque e juntar forças com o Ansar al-Islam (LISTER, 2014).

De acordo com Appleby (2008), fundamentalismo pode ser definido como um padrão religioso de militância pelo qual os verdadeiros crentes autodeterminados tentam deter a erosão da identidade religiosa, fortalecer as fronteiras da comunidade religiosa. Ao contrário da maioria dos crentes ortodoxos ou conservadores, fundamentalistas procuram mudança política e as vezes de modo coercitivo e violento. A devoção à vontade de Deus e às exigências da lei divina é voltada para fins extremistas, apontando os infiéis, demonizando o outro, e rechaçando o viés moderado. Movimentos fundamentalistas se formam em torno de líderes carismáticos ou autoritários. Começam como células e estruturas locais ou regionais, mas são capazes crescer rapidamente de forma estrutural em redes internacionais com grupos com ideias parecidos com a mesma tradição religiosa.

Em 2003 JTWJ cometeram três significativos ataques. No dia 7 de agosto, o grupo detonou um carro bomba na frente da embaixada jordaniana

em Bagdá, matando dezessete pessoas. No dia 19 do mesmo mês, um ataque suicida na frente da sede local da ONU matou vinte e duas pessoas, incluindo o representante especial no Iraque, o brasileiro Sérgio Viera de Mello. No dia 29 de agosto, o grupo cometeu um ataque suicida com um carro bom contra uma mesquita em Najaf, matando 95 pessoas incluindo o aiatolá Muhammad Baqir al-Hakim, o líder religioso da Assembleia Suprema para a Revolução Islâmica no Iraque. Como aponta Lister (2014) esses ataques representam os principais inimigos que Zarqawi estava disposto a combater, a comunidade internacional e o xiismo.

Em setembro de 2004, Zarqawi firmou aliança à Al-Qaeda e Osama Bin Laden. O então grupo JTWJ passou a se chamar Tanzim Qa'idat al-Jihad fi Bilad al-Rafidayn, mais conhecido como simplesmente Al-Qaeda no Iraque (AQI), o grupo atuava majoritariamente nas áreas sunitas do Iraque, principalmente a província de Anbar. Entretanto, a relação estre os dois grupos não era harmoniosa, principalmente devido à violência e aos ataques empregados contra os xiitas (LISTER, 2014)

Em suas cartas é possível observar que Zarqawi considera os xiitas como o principal inimigo a ser vencido, pois segundo ele os xiitas cooperavam com os americanos e pretendiam tomar o poder na região:

> "Eles [os xiitas] são o inimigo mais próximo e perigoso dos sunitas, mesmo que os americanos também sejam um arquiinimo. O perigo do xiismo, no entanto, é maior e seu dano é pior e mais destrutivo para a nação [islâmica] do que os americanos [...] Eles se tornaram amigos e apoiaram os americanos, ficaram em suas fileiras contra os mujahidin [...] Eles estão se infiltrando como cobras para reinar sobre o aparato militar e policial, que é a força de ataque e punho de ferro em nosso Terceiro Mundo, e assumir o controle total sobre a economia como seus tutores, os judeus. Com o passar dos dias, suas esperanças estão crescendo de que eles estabeleceram um Estado xiita que e

> estende do Irã até o Iraque, Síria e Líbano e termina no Reino de Papelão do Golfo" [3]

Zarqawi defendia uma estratégia deliberadamente contra a comunidade xiita com o intuito de incitar uma guerra sectária:

> Essas são em nossa opinião a chave para a mudança. Mirando e atacando eles [os xiitas] no âmbito religioso, político, e militar irá provoca-los a mostrar aos sunitas seus dentes e raiva oculta acumulada em seus peitos. Se tivermos êxito em arrasta-los à arena de uma guerra sectária, será possível acordar os sunitas inativos ao sentirem o medo iminente e do aniquilamento pelas mãos desses "Sabeans" (i.e. xiitas)[4]

A atitude de Zarqawi contra os xiitas era um motivo de desatendimento entre ele e a Al-Qaeda, em uma carta enviada a ele por Ayman al-Zawahiri, o segundo em comando depois de Osama bin Laden, deixa claro o seu posicionamento em relação à estratégia adotada por Zarqawi, e desencoraja a publicação de cenas de carnificina contra inimigos capturados:

> Quanto ao fator sectário e chauvinista, é secundário em importância em relação à agressão externa, e é muito mais fraco do que isso. Na minha opinião – que é limitada, e que é o que eu vejo longe da cena – o despertar do povo súbita no Iraque contra os xiitas não teria tido tanta força e resistência se não fosse pela traição dos xiitas e seu conluio com os americanos, e seu acordo com eles para permitir que os americanos ocupem o Iraque em troca de poder xiita [...] a abertura de outra frente agora, além da frente contra os americanos e o governo, é uma decisão sábia? [...] Nós pouparíamos as pessoas do efeito de perguntas sobre a utilidade de nossas ações nos corações e mentes da opinião geral que é essencialmente simpática a nós […] podemos matar os cativos com uma bala. Isso alcançaria o que é procurado sem nos expor às questões e responder às dúvidas. Nós não precisamos disso[5]

[3] https://2001-2009.state.gov/p/nea/rls/31694.htm
[4] Ibid.
[5] https://fas.org/irp/news/2005/10/letter_in_english.pdf

Enquanto a Al-Qaeda considerava o estabelecimento do califado como um objetivo ao longo prazo, para Zarqawi era um dos seus principais objetivos. Entretanto, Zawahiri mostra apoio ao grupo de Zarqawi em seu objetivo de constituir um califado:

> Se estivermos de acordo que a vitória do islã e o estabelecimento de um califado à maneira do Profeta não serão alcançados exceto através da jihad contra os governantes apóstatas e sua remoção, logo este objetivo não será realizado pelo movimento Mujahidin enquanto estiver a parte do apoio público, mesmo que o movimento jihadista persiga o método da derrubada repentina. [6]

Como já foi visto, tanto a Al-Qaeda como Zarqawi possuíam certas concepções similares, como o estabelecimento do califado, as suas bases salafi-jihadista e as suas concepções sobre os xiitas, mas as estratégias adotadas foram diferentes. Na carta, Zawahiri deixa claro a sua preocupação com a opinião popular, e sobre a dúvida que a intensa violência em forma de espetáculo promovida por Zarqawi, e a seus ataques contra a população muçulmana poderiam causar:

> A maioria dos muçulmanos não compreende isso e, com certeza, não poderia sequer imaginá-lo. Por essa razão, muitos dos seus admiradores muçulmanos entre as pessoas comuns estão se perguntando sobre seus ataques aos xiitas [..] Minha opinião é que este assunto não será aceitável para a população muçulmana, por mais que você tenha tentado explicar isso, a aversão continuará [...] Na ausência desse apoio popular, o movimento islâmico Mujahidin seria esmagado nas sombras, longe das massas distraídas ou temerosas, e a luta entre a elite jihadista e as autoridades arrogantes seria confinada às masmorras da prisão, longe do público e da luz do dia[7]

[6] Ibid.
[7] Ibid.

Segundo Bourdieu (1991), podemos observar que lógica e a ética de estudiosos e de uma vertente de pensamento, o salafismo jihadista no caso, precisa se legitimar por outros meios além aqueles que são reconhecidos pelos estudiosos e pelo meio político, uma mera “corrente de ideias” torna-se um movimento político apenas quando as ideias apresentadas são reconhecidas fora do círculo de profissionais. As estratégias que a lógica da luta interna impõe aos profissionais, e cuja fundação objetiva pode ser, para além das diferenças explicitamente professadas, diferenças de interesses. As diferenças que estão associadas a posições diferentes no campo só podem ter sucesso se convergirem com as estratégias de grupos fora do campo, toda a diferença entre a utopia e o realismo é encontrada aqui. Grupos dissidentes de vanguarda podem trazer para o campo político a lógica característica do campo intelectual apenas porque não têm poder de fato. Funcionando como seitas que surgiram como grupos separatistas, elas são dedicadas a se separar e fundadas na renúncia de qualquer pretensão de universalidade. Uma perda de poder e eficácia é o preço que têm de pagar para poder afirmar a plena qualificação técnica e ética que defini o universo dos “puros”, capaz de demonstrar sua excelência como virtuoses políticas em sua adesão às tradições mais puras e radicais.

Em 2006 o grupo liderado por Zarqawi formou o Mujahidin Shura Council, o qual uniu a Al-Qaeda no Iraque com cinco outras organizações. A nova organização tinha como objetivo unir forças em uma época que a popularidade da Al-Qaeda na região estava declinando. Em um vídeo gravado em abril, Zarqawi anuncia que “Esperamos a Deus que daqui a três meses o ambiente seja favorável para anunciarmos um emirado islâmico”. Dois meses depois da publicação do vídeo, Zarqawi more em um ataque aéreo norte-americano (BUNZEL, 2016).

3. O Estado Islâmico

Quatro meses após a morte de Zarqawi, no dia 15 de outubro de 2006, a organização que comandara anuncia a proclamação do Estado Islâmico, oficialmente o Estado Islâmico do Iraque (Dawlat al-'Iraq al-Islamiyya), ou simplesmente o Estado Islâmico (al-Dawla al-Islamiyya). De acordo com o áudio publicado pelo grupo proclamando o estabelecimento do Estado Islâmico, anuncia Abu Umar al-Baghdadi como o novo líder, e o identificava como amir al-um'minin (Comandante dos fiéis), o título tradicional dos califas, sendo descrito como descendente da tribo coraixita, a mesma de Maomé. De acordo com o grupo, ao estabelecer o Estado Islâmico o grupo estaria:

> Seguindo o exemplo do Profeta quando ele seguiu de Meca para Medina (em 622) e estabeleceu o Estado Islâmico, apesar da aliança dos idolatras and the People of the Book contra ele [...] os territórios (sobe nosso controle) é igual em tamanho ao primeiro Estado em Medina[8].

Em um áudio publicado no dia 10 de novembro de 2006, "O começo de um novo e importante estágio, o qual estamos colocando o primeiro tijolo, inaugurando o projeto do califado islâmico [...] Nós não somos os filhos de Skykes-Picot [...] Nós somos os filhos do profeta Maomé"[9].

Em seu segundo discurso público no dia 13 de março de 2007, Abu 'Umar al-Baghdadi negou que defendia algum modelo de nacionalismo:

> Nós acreditamos que secularismo na multiplicidade de suas bandeiras e a variedade de seus programas, como o nacionalismo, o patriotismo, o comunismo e o Ba'thism, é uma evidente apostasia, anulando e expulsando o Islã da região (BUNZEL,2016)

[8] Jubūrī, "al-I'lān 'an qiyām Dawlat al-'Irāq al-Islāmiyya

[9] Abū H. amza al-Muhājir, "Inna 'l-h. ukm illā lillāh," Mu'assasat al-Furqān

Como aponta Appleby (2008), o crescente sentimento popular de "privação relativa" em comparação com outras sociedades coincide com o esgotamento e repugnância da série de "soluções" seculares ou liberais fracassadas, do nacionalismo árabe ao socialismo islâmico. Os islamistas culpam os fracassos (incluindo a vulnerabilidade às potências coloniais ocidentais e, especialmente, a derrota militar nas mãos dos israelenses) pelo abandono do islã como base para a ordenação da sociedade. Os gloriosos impérios islâmicos e civilizações do passado medieval servem como precedentes formados bem antes do surgimento do Estado-nação secular moderno, a imaginação política do Islã concebe uma comunidade religiosa transnacional que acredita que os muçulmanos são a entidade política fundamental.

A proclamação do Estado Islâmico tinha como objetivo a evolução qualitativa ao grupo insurgente, que agora seria responsável a governar um território como um agente político e militar. Até o final de 2006, o grupo atingira autossuficiência, arrecadando entre 70 a 200 milhões de dólares ao ano, através de sequestros, extorsões e roubo de petróleo. Entretanto, o grupo encontrou grande resistência nas regiões que tentou, devido à sua ideologia. O Estado Islâmico superestimou a sua capacidade de atrair o suporte da população sunita. Entre 2007 a 2009 o grupo perdeu substancialmente a sua influência na região, devido a outras forças que disputavam o poder (LISTER, 2014). As informações sobre atuação de Abu 'Umar eram nebulosas, em 2008 o pentágono até chegou a considerar que ele não era mais o líder do grupo (BUNZEL,2016)

Abu 'Umar al-Baghdadi morreu no dia 18 de abril de 2010 em um ataque conjunto dos EUA e das forças iraquianas, em uma região próxima de Tikrit. Até aquele momento não possuía qualquer característica de um Estado,

comandava uma área pequena, e a relevância internacional do grupo era marginal. Em maio de 2010, Abu Bakr al-Bagahdadi é apontado como o novo líder do Estado Islâmico. Como o seu predecessor, Abu Bakr reivindica ser descendente da tribo de Maomé, e foi intitulado como "Comandante dos Fiéis" (BUNZEL, 2016).

Em 2011, o grupo aumentou consideravelmente as suas operações no Iraque, incorporando o sul com maioria xiita e áreas curdas no norte. Em 2011 a revolução popular na Síria, chamou a atenção de Abu Bakr, que mandou Abu Muhammad al-Jowlani à Síria para estabelecer conexões com células terroristas sírias, formando o grupo que viria a ser conhecido como Jabhat al-Nusra. Em janeiro de 2012, o grupo Jabhat al-Nusra veio a público assumir um ataque suicida em Damasco, o qual matou 40 pessoas. O grupo operava de modo parecido com o Estado Islâmico, mas defendia que não estava ligada nem à Al-Qaeda nem ao Estado Islâmico. Até o final de 2012 o grupo possuía aproximadamente dois mil membros, e atuava nas áreas de Damasco e Deraa no sul, e Idlib e Aleppo no Norte (LISTER, 2014).

Essa expansão permitiu à Jabhat al-Nusra evoluir de uma típica célula terrorista à uma força insurgente. No dia 9 de abril de 2013, Baghdadi confirmou que o grupo Jabhat al-Nusra era uma ramificação do Estado Islâmico, expandido o seu nome oficial para *Islamic State of Iraq and al-Sham* (ISIS, ou ISIL, Al-Sham se refere ao Levante, a porção de terra que encontra o mar Mediterrâneo ao oeste). Jabaht al-Nusra se mostrou resistente à integração proposta, grande parte do Estado Islâmico na Síria passou a ser constituída por dissidentes da Jabaht al-Nusra. Os dois grupos mantiveram constante conflito armado na região (SMITH, 2015).

No dia 2 de fevereiro de 2014, a Al-Qaeda publicou uma declaração oficial se dissociando do Estado Islâmico, defendendo que a Al-Qaeda não era

responsável pelas ações do grupo, e que as duas organizações não mantinham nenhuma ligação. Entre as demais discordâncias já citadas, a alta liderança da Al-Qaeda discordava da estratégia expansionista do Estado Islâmico em direção à Síria (SMITH, 2015).

4. Um califado para todos governar?

Em junho de 2014, o grupo já havia conquistado a maior parte dos territórios sunitas no Iraque. No dia 10 de junho de 2014, ISIS captura a cidade de Mossul (BUNZEL, 2016), para divulgar a sua conquista o grupo lançou uma série de publicações online, concomitantemente com o início do Ramadã. É publicado o áudio *"This is the promise"*, e a transcrição em cinco idiomas, anunciando o estabelecimento do califado, assim como dois vídeos intitulados "*Breaking the Borders*" e *"The End of Sykes-Picot"* no dia 29 de junho. No áudio *"This is the Promise"* o grupo defende que o estabelecimento do califado é uma obrigação, assim como o reconhecimento de toda comunidade muçulmana:

> O conselho do Estado estudou esse assunto depois que o Estado Islâmico – pela graça de Allah – ganhou o essencial necessário para o califado, o qual todos os muçulmanos são pecaminosos se não tentarem estabelecer. Á luz do fato de que o Estado Islâmico não tem nenhuma restrição legal ou desculpa que pode justificar, atrasar ou negligenciar o estabelecimento do califado de tal forma que não seria pecaminoso, o Estado Islâmico – representado por ahlu-hali-wal-'aqd (seu povo de autoridade), consistindo de suas figuras superiores, líderes e o conselho *shura* – resolveu anunciar o estabelecimento do califado islâmico, a nomeação de um califa para os muçulmanos [...] o descendente da família do Profeta, o escravo de Allah, Ibrahim Ibn 'Awwad Ibn Ibrahim Ibn' Ali Ibn Muhammad al-Badri al-Hashimi al-Husayni al-Qurashi [...] Ele é o imã e califa para os muçulmanos em todos os lugares. Consequentemente, o "Iraque e Sham" no nome do Estado Islâmico é removido de todas as comunicações oficiais, e o nome oficial é Estado Islâmico a partir dessa data

O áudio prossegue argumentando que todos os muçulmanos devem firmar lealdade ao califa Abu Bakr al Baghdadi, e que outras instituições islâmicas são ilegítimas:

> Informamos aos muçulmanos que, com o anúncio do califado, tornou-se obrigatório para todos os muçulmanos darem assistência e apoio ao Califa Ibrahim – que Deus o proteja. Nula é a legitimidade de todos os emirados, grupos, administrações e organizações aos quais sua autoridade se estende e seu exército vem [...] Ó soldados dos grupos e organizações. Saiba que, depois dessa capacidade política e do estabelecimento do califado, a legitimidade de seus grupos e organizações é nula. Não é permissível para nenhum de vocês que acredita em Deus não professar lealdade (wala') ao califa [...] E saibam que nada atrasou a vitória e continua a atrasá-la, mais do que a existência desses grupos; eles são a causa da divisão e da diferença.

No dia 5 de julho é publicado um vídeo com a primeira aparição pública de Abu Bakr al Baghdadi como califa, discursando em um púlpito em uma mesquita de Mossul. De acordo com Lister (2014), a declaração foi um passo extremamente ousado, que possuía o potencial de atrair uma geração mais nova de jihadistas por todo o mundo, entretanto carecia de legitimidade legal islâmica:

> Segundo o Dr. Usama Hasan, um Membro Sênior da Fundação Quilliam, Imam e especialista em Islã, 'Um califado islâmico, por definição, abrange todo o 'Mundo Muçulmano' [...] O retorno hipotético de um califa na jurisprudência islâmica implica um grande grau de unidade muçulmana, com essas massas muçulmanas unidas voluntariamente comprometendo-se a ele. Este é o erro fundamental do [Estado Islâmico], uma falha fatal para suas credenciais teológicas. Eles podem ter o direito de declarar um "emirado islâmico" (como o talibã fez no Afeganistão) ou mesmo um "Estado islâmico", assim como o Irã, Paquistão, Afeganistão e Mauritânia são "repúblicas islâmicas". Mas declarar um califado para todos os muçulmanos quando eles governam, no máximo, algumas dezenas de milhões de sírios e iraquianos de uma população muçulmana mundial de 1,2 a 1,5

> bilhão de pessoas, é para destruir qualquer noção de representação ou unidade muçulmana. (LISTER, 2014)

Como aponta Bourdieu (1991), dissidências de grupos políticos que almejam alcançar a pureza de valores e lógica particular do meio dos especialistas e estudiosos do campo político, ao defender uma tradição pura esses grupos perdem a sua eficácia entre as massas ao renunciar a universalidade de sua ideologia. De acordo com o grupo, a única maneira na qual o islã pode ser interpretado e praticado é de acordo com o que o EI entende como o correto:

> Ao contrário do equívoco popular, riddah [apostasia] não significa exclusivamente deixar de se chamar muçulmano para se chamar de judeu, cristão, hindu, budista. Na realidade, existem apenas duas religiões. Há qualquer outra religião, que é kufr [...] E quem não seguir outra religião do que o islã, nunca será aceito por Ele, e será entre os perdedores no final (DABIQ, 4).

O Estado Islâmico apresenta-se como o único capaz de retomar os valores perdidos, oferecendo um modelo social baseado em um passado idealizado. Parte do projeto de apagar a influência ocidental na região é constituída pela contestação do grupo das fronteiras nacionais, considera como uma separação física artificial de um povo, símbolo da herança colonial. De acordo com o grupo, essa população é inseparável diante da religião muçulmana (GÜNTHER, 2016).

Entre as diversas influências intelectuais, o wahabismo é proeminente na ideologia do Estado Islâmico. O grupo compartilha diversas concepções com o wahabismo, como tawhid (a adoração a um só deus), takfir (excomunhão a todos os muçulmanos que não seguem seus preceitos). As duas ideologias dividem o mundo em dois, a Casa do Islã (Dar al-Islam) e a Casa da Infidelidade (Dar al-Kufr) (LATIF, 2017).

> Ó Ummah do islã, na verdade o mundo foi dividido em dois campos e duas trincheiras, sem nenhum terceiro campo: O campo do islã e da fé, e o campo do apóstata e hipocrisia – o campo dos muçulmanos e dos mujahidin de todos os lugares, e o campo dos judeus, dos cruzados, e seus aliados, e com eles o resto das outras nações e religiões, todas sendo lideradas pelos Estados Unidos e pela Rússia, e mobilizados pelos judeus (DABIQ, 1).

O tema hégira é recorrente na propaganda do grupo. Ao estabelecer o califado, o grupo estaria unindo todos os muçulmanos sob uma jurisdição, e que todos os muçulmanos devem migrar para os seus territórios. Hégira é a palavra em árabe para migração, conceito associado a hajj, a tradição de que todo muçulmano deve, se possível, fazer a peregrinação à Meca, alusão ao evento histórico da migração de Maomé de Meca para Medina.

> O Estado é um Estado para todos os muçulmanos. A terra é para os muçulmanos, todos os muçulmanos. Ó muçulmanos em todos os lugares, qualquer que seja capaz de realizar hijrah ao Estado Islâmico, deve fazer, porque a hijrah para a terra do Islã é obrigatória" (DABIQ, 1).

Para o Estado Islâmico, o muçulmano não deveria viver entre outros países. Os muçulmanos precisam executar a hégira para evitar a sentença divina daqueles que permaneceram em outros domínios:

> Haverá hégira após hégira. As pessoas da terra serão aquelas que guardam a terra da hégira de Ibrahim. Então, permanecerá na terra o pior de seu povo. Suas terras os expulsarão, Allah os odiará, e o fogo os reunirá com os macacos e os porcos (DABIQ, 3)

5. O califado virtual

Os símbolos usados pelo grupo são essenciais a sua prática de propaganda baseada em um universalismo islâmico, remetendo a um passado idealizado. A bandeira do grupo, preta com caligrafia branca em árabe, imita o emblema utilizado pelo Profeta Maomé. A bandeira utilizada pelo profeta era comumente hasteada em combate (LATIF, 2017). A declaração do califado foi motivada pela expansão militar e territorial do grupo, e pelo início do mês sagrado do Ramadã no final de junho. Na publicação "This is the promise" é defendido que o Estado Islâmico veio a "possuir todos os elementos constituintes do califado", e que Baghdadi possuía todas as qualificações necessárias como califa. A ordem prevista pelo Estado Islâmico é apresentada como uma restauração de um "califado ao método profético" (khilaf 'ala manhaj al-nubuwwa), o grupo recorre a um modelo ideal imaginado da história islâmica primitiva. Para promover a sua legitimação o grupo constituiu um complexo aparato propagandista, publicando revistas, áudios e vídeos online, baseando-se em uma ampla gama de fontes islâmicas, bem como estudiosos medievais e modernos. O grupo retrata a dinâmica social e cultural que mudou o Oriente Médio desde o início de sua colonização, como sendo introduzida por potencias estrangeiras com a intenção de diminuir a importância de valores, normas e crenças islâmicas nas sociedades muçulmanas (BUNZEL, 2016)

No vídeo "The end of Skykes-Picot", o grupo anuncia o fim das fronteiras da era colonial, e prevê a vitória contra os déspotas árabes. O vídeo denuncia o acordo franco-britânico Sykes-Picot, assinado em 1916, o acordo dívida as áreas de influência das duas potencias na região. O acordo foi decisivo para determinar as atuais fronteiras da região. O grupo defende que os resultados da Primeira Guerra Mundial conduziram à dominação ocidental do Oriente Médio. A Declaração de Balfour de 1917, na qual o secretário dos Assuntos

Estrangeiros britânico mostrava que o governo era favorável a criação de uma pátria nacional para os judeus na região, é interpretado pelo Estado Islâmico como a criação de uma presença neocolonial no Oriente médio. O colapso do Império Otomano em 1919 e a abolição do califado é interpretado como consequências da pressão de forças externas para dominar a região e enfraquecer o islã (CELSO, 2015).

Em julho de 2014 foi publicada a primeira edição da revista Dabiq, quinze edições foram publicadas, divulgando fotos, artigos, notícias e relatando o seu progresso e conquistas. A revista foi publicada por uma agência oficial do Estado Islâmico, Al Hayat Media Center, que de acordo com Dabiq, tem o objetivo de promover tawhid (unidade de Deus), hijrah e a jihad, que para o grupo significa uma guerra santa ofensiva (MCCANTS, 2016). Anunciando que "conterá informes fotográficos, eventos atuais e artigos informativos em assuntos relativos ao Estado Islâmico" (DABIQ, 1). O próprio nome da revista possui um simbolismo a parte. Dabiq se refere a uma cidade no norte da Síria. De acordo com a tradição islâmica é o lugar que a guerra apocalíptica entre o "certo" e o "errado" irá acontecer:

> É retirado da área denominada Dabiq na zona rural no norte de Haleb (Aleppo) no Sham. Este lugar foi mencionado em um hadith descrevendo alguns eventos do Malahim [Armagedom]. Uma das maiores batalhas entre os muçulmanos e os cruzados acontecerá perto de Dabiq [...] A centelha foi acessa aqui no Iraque, e seu calor continuará a se intensificar – com a permissão de Allah – até que queimem os exércitos cruzados em Dabiq. – Abu Mus'ab al-Zarqawi (DABIQ, 1).

Um dos principais temas da revista é o militarismo, mostrando as vitórias e glorificando o seu expansionismo, vale lembrar o slogan do grupo *"Remaining and Expanding"* (Prevalecendo e Expandindo). O periódico também foca na governança do grupo, mantendo a narrativa que a instituição de fato é um

Estado, ao defender que atua de forma efetiva na sociedade, oferecendo segurança, educação e saúde. A revista em vários momentos crítica o nacionalismo e certas "inovações" como uma força que destrói "o credo e o corpo saudável da comunidade muçulmana necessária para reviver o califado" A revista detalha o plano de Zarqawi para reviver o califado. Para Zarqawi era necessário criar uma comunidade fundada no Alcorão e na Sunnah. Para atingir esse objetivo, a comunidade deveria praticar a jihad. A jihad se basearia em hijrah (emigração), bay'a (juramento de lealdade), ta'ah (obediência) e i'dad (treinamento). As consequências dessas ações seriam o estabelecimento do califado ou o martírio (Dabiq, 1).

A primeira edição da Dabiq começa com a explicação do nome da revista. Refere-se a uma profecia em que os muçulmanos vão derrotar os romanos em um lugar chamado Dabiq no norte da Síria. Após a derrota, os muçulmanos vão conquistar Constantinopla, então Satanás proclamará que o Messias chegou. Este messias é o anticristo e ele será destruído por Isa Ibn Maryam (Jesus) liderando os últimos verdadeiros muçulmanos (DABIQ, 1). Para o IS o ocidente representa os romanos, e a apenas a comunidade liderada pelo califa representa os últimos verdadeiros muçulmanos.

Na segunda edição da revista, é defendido que imamah (árabe para a liderança) é tanto político quanto religioso. É argumentado que a Ummah muçulmana deveria estar unida por um único líder para implementar a lei islâmica. Dabiq afirma que os muçulmanos não mais reconhecem essa doutrina, por causa do:

> Secularismo que permeia o intelecto das pessoas em nossa época, separando a religião e estado, e entre a Sharia e o governo, e tratar o Alcorão como um livro de cânticos e recitação, em vez de um livro de governança, legislação e aplicação (DABIQ, 2).

O grupo defende que o conflito entre eles e outros grupos jihadistas, como a Al-Qaeda, é um conflito teológico, e que as suas vitórias representam a intercessão divina a favor dos justos contra os apóstatas. Como aponta (CELSO, 2015), o expansionismo do Estado Islâmico era uma grande ameaça a liderança global da Al-Qaeda. A sua estratégia do difere substancialmente da Al-Qaeda. As contradições entre as duas estratégias foi a principal causa do rompimento entre os grupos. A Al-Qaeda cortou relações oficialmente com o grupo, quando esse recusou retirar a sua rede da Síria (BUNZEL, 2016).

Zarqawi deixara claro que lutava pela integração das forças tribais em suas fileiras, sob a condição de que aceitação a ideologia e o modelo social do seu grupo Da mesma forma o Estado Islâmico do Iraque, no final de 2006, defendeu que as lideranças regionais eram um componente essencial de seu projeto, e enfatizou a necessidade de integras essas autoridades em sua hierarquia (DELEMARRE, 2017). Dabiq, em várias edições lista os líderes tribais que juraram fidelidade ao califa, e fornece informações sobre essa relação:

> Exigimos sua riqueza, seus filhos, seus homens, suas armas, sua força e sua opinião, e que encorajam seus filhos e irmãos a se unirem ao corpo militar do Estado Islâmico" (DABIQ, 1)

E em troca o grupo promete:

> Devolver direitos e propriedades ao seu legítimo proprietário; oferecer milhões de dólares em serviços que são importantes para os muçulmanos; o estado de segurança e estabilidade de que gozam as áreas sob a autoridade do Estado Islâmico; garantir a disponibilidade de produtos alimentícios e commodities no mercado, particularmente pão; reduzir a taxa de criminalidade; florescer a relação entre o Estado Islâmico e seus cidadãos(DABIQ, 1).

Considerações finais

De acordo com GÜNTHER (2016), o EI se inseriu em um contexto que havia uma vacum de poder, devido ao enfraquecimento dos governos centrais do Iraque e da Síria. O grupo faz uso da propaganda para destacar todos os serviços prestados à população civil, representando a si próprio como um poder que atende as demandas da sociedade, como transporte público, planejamento urbano, serviços burocráticos, e serviços médicos.

> No meio de uma guerra violenta com múltiplas frentes e inúmeros inimigos, a vida continua no Estado Islâmico. Os soldados de Alá não libertam uma aldeia, cidade ou cidade, apenas para abandonar seus moradores e ignorar suas necessidades [...] Um Estado não pode ser estabelecido e mantido sem assegurar que os soldados cuidem dos assuntos religiosos e mundanos dos muçulmanos(DABIQ, 1)

Relatórios de dentro das áreas ocupadas pelo Estado Islâmico, apontam a tentativa do grupo de obter ganhos políticos ao preencher o vacum de poder deixado pelos governos centrais sírio e iraquiano. O grupo pretendia alcançar um efeito duradouro substituindo as estruturas governamentais, pelo menos nas grandes cidades que conquistaram e obtiveram maior controle. Regulando a vida pública e moral, prestando serviços públicos e burocráticos. O grupo não pretende construir um Estado na concepção moderna, mas em uma forma de governança política e religiosa que eles afirmam estar enraizados no Alcorão.

O EI afirmava ser o único grupo muçulmano legítimo. No entanto, a legitimação depende do consenso da população. A questão religiosa é importante para entender o grupo, mas o processo de conquista militar e alianças tribais devem ser vistas dentro de um contexto sócio político de enfraquecimento do poder nacional do Iraque e da Síria, e estratégicas de certos grupos tribais, ao reconhecer no EI uma fonte de segurança ou medo da sua força militar. O EI declara explicitamente sua vontade e capacidade de

atacar as facções que não aceitarem a legitimidade do califado ou se rebelarem contra ele. As alianças de tribos sunitas com o Estado Islâmico oferecem segurança contra as forças nacionais e as milícias xiitas, fortalecendo mais a política sectária do movimento. (GUNTHER, 2016). Como já observado a teologia e pensamento político do grupo não corresponde às ideologias mais recorrentes e aceitas entra a população. A base ideológica do grupo é minoritária entre as ideias discutidas entre população muçulmana, particular de um círculo de pensadores, em sua maioria jihadistas salafistas.

Referências

APPLEBY, R. Scott. Fundamentalist and nationalist religious movements. **A Companion to Political Geography**, p. 378, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Language and symbolic power**. Harvard University Press, 1991.

BUNZEL, Cole. **From paper state to caliphate: The ideology of the Islamic State**. Brookings Institution, 2016.

CELSO, Anthony N. **The "Caliphate" in the Digital Age: The Islamic State's Challenge to the Global Liberal Order**. International Journal of Interdisciplinary Global Studies, v. 10, p. 1-26, 2015.

CRONE, Patricia; HINDS, Martin. **God's Caliph: religious authority in the first centuries of Islam**. Cambridge University Press, 2003.

Dabiq 1: **The Return of the Khalifah**

Dabiq 2: **The Flood**

Dabiq 3: **The Call to Hijrah**

Dabiq 4: **The Failed Crusade**

DELEMARRE, J. F. M. **Dabiq: Framing the Islamic State**. 2017.

GÜNTHER, Christoph; KADEN, Tom. **The authority of the Islamic State**. 2016.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. Editora Companhia das Letras, 2006.

JONES, Seth G. et al. **Rolling Back the Islamic State**. Rand Corporation, 2017.

KENNEDY, Hugh. **The great Arab conquests: How the spread of Islam changed the world we live in**. Da Capo Press, 2007.

LATIF, Danish Ali. **What do they say? Mapping the propaganda discourse of Islamic State publications: An analysis of Dabiq and Rumiyah**. 2017. Tese de Doutorado. Central European University.

LEWIS, Bernard. **O Oriente Médio: do advento do cristianismo aos dias de hoje**. Zahar, 1996.

LISTER, Charles. **Profiling the Islamic state**. 2014.

MCCANTS, William Faizi. **The ISIS apocalypse**. Findaway World, LLC, 2016.

MONTGOMERY, W. **Islamic Political Thought: The Basic Concepts**. 1968.

PELLERIN (Clara), Communication Terror: **An Analysis of ISIS Communication Strategy**, Paris: Sciences Po, 2016

SMITH, Ben. **ISIS and the Sectarian Conflict in the Middle East. Economic Indicators**, v. 3, p. 15, 2015.

SYKIAINEN, Leonid. **The Islamic concept of the Caliphate: basic principles and a contemporary interpretation**. Islamology, v. 7, n. 1, 2017.